

FICHA TÉCNICA

Título original: *A Little History of Religion*

Autor: *Richard Holloway*

Copyright © 2016 by Richard Holloway

Edição original publicada por Yale University Press

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2018

Tradução: *Manuel Alberto Vieira*

Revisão: *Carlos Jesus/Editorial Presença*

Revisão técnica: *António Estanqueiro*

Ilustrações de Gary Bullock

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

Depósito legal n.º 441 676/18

1.ª edição, Lisboa, junho, 2018

Reservados todos os direitos
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

Índice

1. Está aí Alguém?	11
2. As Portas	17
3. A Roda	22
4. Um em Muitos	28
5. De Príncipe a Buda	34
6. Não Fazer o Mal	40
7. O Viajante	47
8. Nos Juncos	53
9. Os Dez Mandamentos	59
10. Profetas	65
11. O Fim	71
12. Herege	77
13. A Batalha Final	83
14. Religião Terrena	90
15. O Caminho a Seguir	96
16. Revolver a Lama	103
17. A Individualização da Religião	109
18. O Convertido	115
19. O Messias	121
20. Jesus Chega a Roma	127
21. A Igreja Assume o Controlo	133
22. O Último Profeta	139
23. Submissão	145
24. Luta	151
25. Inferno	157
26. Vigário de Cristo	163

27. Protesto	169
28. A Grande Separação	175
29. A Reforma de Nanak	181
30. O Caminho Intermédio	187
31. A Decapitação da Besta	193
32. Amigos	200
33. <i>Made in America</i>	206
34. <i>Born in the USA</i>	213
35. A Grande Desilusão	219
36. Místicos e Estrelas de Cinema	225
37. A Abertura de Portas	231
38. Religião Colérica	237
39. Guerras Santas	243
40. O Fim da Religião?	248
Índice Remissivo	255



Está aí Alguém?

O que é a religião? E onde está a sua origem? A origem da religião está na mente do animal humano; está em nós, portanto. Os restantes animais na Terra aparentemente não necessitam de uma religião. E, tanto quanto sabemos, não desenvolveram nenhuma. A isso deve-se o facto de terem uma relação mais apaziguada e plena com a vida. Agem instintivamente. Deixam-se levar pelo fluxo da existência sem pensarem nela a todo o momento. O animal humano perdeu essa capacidade. Os nossos cérebros desenvolveram-se de uma maneira que nos torna autoconscientes. Interessamo-nos por nós mesmos. Não conseguimos deixar de questionar as coisas. Não conseguimos deixar de *pensar*.

E a principal coisa em que pensamos é no próprio universo e na sua origem. Existirá alguém intangível que o criou? O termo breve e simples que utilizamos para esse possível alguém ou algo é *Deus*, *theós* em grego. Quem acredita que existe um Deus é designado por *teísta*. Quem não acredita na existência de alguém intangível e que estamos entregues a nós próprios é apelidado de *ateu*. E ao estudo de Deus e daquilo que Ele de nós pretende dá-se o nome de *teologia*. A outra grande questão que não conseguimos deixar de colocar a nós mesmos é o que nos acontece depois da morte. Quando morremos, é o ponto final definitivo ou há mais alguma coisa a seguir? E, a haver mais alguma coisa, como será?

Aquilo a que chamamos religião foi a nossa primeira tentativa de responder a estas questões. A sua resposta à primeira pergunta foi simples. O universo foi criado por uma extraordinária força a que alguns atribuem o nome de Deus, uma entidade que continua interessada e envolvida naquilo que criou. Todas as religiões individuais propõem diferentes versões daquilo em que consiste a força chamada Deus e o que pretende de nós, mas todas acreditam na sua existência, de uma forma ou de outra. Dizem-nos que não estamos sozinhos no universo. Que para lá de nós existem outras realidades, outras dimensões. Apelidamo-las de «sobrenaturais» porque estão fora do mundo natural, do mundo imediatamente disponível aos nossos sentidos.

Se a mais importante crença da religião consiste na existência de uma realidade para lá deste mundo a que damos o nome de Deus, o que motivou a crença e quando começou? Começou há tempos imemoriais. Na verdade, parece nunca ter existido um período em que os seres humanos não acreditassem na existência de um mundo sobrenatural para lá deste. E o questionamento acerca do que aconteceria às pessoas depois de morrerem poderá ter sido o fator que determinou o seu início. Todos os animais morrem, mas, contrariamente aos restantes, os humanos não deixam os seus mortos a decomporem-se no local onde tombam. Aparentemente, desde os primeiros vestígios da sua existência, os humanos providenciaram funerais aos seus mortos. E o modo como os planeavam permite-nos perceber algumas coisas acerca das suas crenças mais antigas.

Obviamente, isso não significa que outros animais não chorem aqueles que lhes morrem. Há imensos indícios de que muitos o fazem. Em Edimburgo, uma famosa estátua de um cãozinho chamado *Greyfriars Bobby* atesta o pesar que os animais sentem quando perdem alguém com quem têm uma ligação afetiva. *Bobby* morreu em 1872, depois de ter passado os últimos catorze anos da sua vida deitado no túmulo do falecido dono, John Gray. *Bobby* sentia, sem qualquer dúvida, a falta do seu amigo, mas foi a família humana de John Gray que lhe providenciou um funeral digno e o sepultou no Cemitério de Greyfriars. E, ao enterrá-lo, praticou um dos atos que mais distingue os humanos. Portanto, o que terá motivado os humanos a começarem a enterrar os seus mortos?

A característica mais óbvia nos mortos é o desaparecimento de uma função que lhes era normal. Deixam de respirar. Daí à associação entre o ato de respirar e a ideia de algo intrínseco ao corpo físico que lhe dava vida, mas dele independente, foi um pequeno passo. A palavra grega para isso era *psyche* e a latina *spiritus*, ambas substantivos dos verbos «respirar» ou «soprar». O que fazia um corpo viver e respirar era um espírito ou alma. Ocupava o corpo durante um período de tempo. E, quando o corpo morria, partia. Mas para onde ia? Uma das explicações dizia que regressava para o além, o mundo dos espíritos, a face inversa daquele que em que habitamos na Terra.

Aquilo que sabemos dos primeiros rituais fúnebres sustenta essa visão, apesar de os nossos antepassados remotos não nos terem deixado mais do que indícios silenciosos daquilo que pensariam. A escrita ainda não havia sido inventada, pelo que não lhes era possível registar os pensamentos ou descrever as crenças numa forma que hoje possamos ler. Mas a verdade é que nos deixaram pistas sobre o que pensariam. Portanto, iniciemos a sua análise. Para as encontrarmos, temos de recuar milhares de anos a. E. C., uma abreviatura que necessita de uma explicação antes de avançarmos.

Faz sentido a existência de um calendário global ou forma de datar quando queremos situar acontecimentos do passado. Aquele que hoje utilizamos foi criado pelo cristianismo no século VI da E. C., o que revela a extensão da influência da religião na nossa história. Durante milhares de anos, a Igreja Católica foi uma das grandes forças na Terra, poderosa ao ponto de fixar o calendário pelo qual o mundo ainda hoje se rege. O acontecimento central para que tal sucedesse foi o nascimento do seu fundador, Jesus Cristo, que corresponde ao ano 1. Tudo quanto aconteceu antes disso foi a. C. (antes de Cristo). Tudo quanto aconteceu depois foi d. C. (depois de Cristo) ou A. D.: *anno Domini*, o ano do Senhor.

No nosso tempo, a. C. e d. C. foram substituídos por a. E. C. e E. C., designações que podem ser traduzidas com ou sem a componente religiosa: antes da Era Cristã (a. E. C.) e na Era Cristã (E. C.) ou antes da Era Comum (a. E. C.) e na Era Comum (E. C.). Caberá a si a escolha do significado dos termos. Neste livro, optarei pelo uso de a. E. C. para situar acontecimentos que ocorreram antes de Cristo e antes da Era Comum. Mas, de maneira a evitar a saturação do texto,

economizarei o uso de E. C. e apenas recorrerei à sigla quando julgar necessário. Portanto, se deparar com uma data que não está associada a qualquer sigla, saberá que o acontecimento a que me refiro ocorreu na Era Cristã ou Comum.

Retomando a questão em análise, de 130 000 a. E. C. em diante encontramos sinais de algum tipo de crença religiosa no modo como os nossos antepassados enterravam os seus mortos. Alimentos, utensílios ou ornamentos eram colocados nas sepulturas que foram descobertas, sugerindo a crença de que os mortos viajavam para uma espécie de vida depois da morte e necessitavam de estar equipados para a viagem. Uma outra prática consistia em pintar os corpos dos cadáveres com ocre-vermelho, talvez para simbolizar a ideia da continuação da vida. Este procedimento foi descoberto numa das mais antigas campas de que há registo, a de uma mãe e de um filho enterrados nas grutas do monte do Precipício, em Israel, em 100 000 a. E. C. E a mesma prática é adotada a meio mundo de distância, no lago Mungo, na Austrália, em 42 000 a. E. C., num corpo igualmente coberto de ocre-vermelho. O ato de pintar os mortos assinala o surgimento de uma das mais inteligentes ideias da humanidade: o pensamento simbólico. Há-o em abundância na religião, pelo que vale a pena tentar compreendê-lo.

À semelhança de muitas outras palavras úteis, *símbolo* vem do grego. Significa a junção de coisas fragmentadas, como quem colasse cacos de um prato. Depois o símbolo tornou-se um objeto que representava outra coisa. Preservou a ideia de junção das coisas, mas não podia ser reduzida à simples colagem de cacos. Um bom exemplo de um símbolo é uma bandeira nacional, como a dos Estados Unidos, com as suas estrelas e faixas. Quando vemos os dois elementos conjugados, os Estados Unidos acodem-nos à mente. Ela *simboliza* a nação, substitui-a.

Os símbolos tornam-se sagrados para as pessoas porque representam lealdades tão profundas que não têm como ser expressadas por palavras. É essa a razão pela qual odeiam ver os seus símbolos violados. Não há nada de errado em pegar fogo a um velho pedaço de pano, mas, se se der o caso de ele simbolizar a nossa nação, é provável que fiquemos zangados. Quando os símbolos são religiosos, quando são sagrados para uma determinada comunidade, o seu poder intensifica-se ainda mais. E insultá-los pode desencadear uma ira

feroz. Mantenha a ideia de símbolo presente na sua mente porque ela aparecerá repetidas vezes neste livro. A noção que aqui se pretende veicular é que uma coisa, como, por exemplo, o ocre-vermelho, representa outra coisa, como, por exemplo, a crença de que os mortos transitam para uma nova vida noutro lugar.

Um outro exemplo do pensamento simbólico está na importância que o ato de assinalar o local onde jazem os mortos adquiriu, especialmente quando se tratava de figuras poderosas e proeminentes. Por vezes eram colocadas sob gigantescos pedregulhos, outras no interior de câmaras de pedra cuidadosamente construídas, chamadas dólmenes, que consistiam em duas pedras verticais que sustentavam uma grande pedra horizontal. Os mais impressionantes monumentos aos mortos que a humanidade concebeu são as pirâmides de Gizé, no Egito. Para além de cumprirem a função de túmulos, as pirâmides poderão também ser vistas como plataformas de lançamento a partir das quais as almas dos seus nobres ocupantes haviam sido projetadas para a imortalidade.

Com o tempo, os rituais fúnebres não só se tornaram mais elaborados, como adquiriram contornos assustadoramente cruéis nalgumas regiões, com o sacrifício de esposas e servos que tinham o mesmo destino dos defuntos como forma de lhes salvaguardar o bem-estar e o estatuto na vida de que usufruiriam do outro lado. Convém notar que, desde o início, a religião revelou uma faceta cruel que denotava uma clara falta de consideração pelas vidas dos indivíduos.

Uma interpretação apropriada destas pistas consistirá na possibilidade de os nossos antepassados encararem a morte como a entrada para uma outra fase da existência, imaginada como uma versão desta. E vislumbramos a crença deles num mundo para além deste, mas a ele ligado, sendo a morte a porta que os separa.

Pelo que nos é dado perceber até ao presente, as crenças religiosas parecem ter sido adquiridas por via de um processo de conjeturas inspiradas. Os nossos antepassados questionaram-se acerca da origem do mundo e calcularam que teria sido criado por uma força superior algures para lá do nosso tempo e espaço. Olharam para os mortos que haviam deixado de respirar e decidiram que os seus espíritos teriam abandonado os corpos que antes habitavam para rumar em direção a outro destino.

Mas há um grupo importante na história da religião que não *conjetura* a existência do além nem o destino das almas que partem. Os elementos que o constituem dizem-nos que o visitaram ou foram por ele visitados. Ouviram aquilo que ele de nós exige. Receberam ordens para dizer aos outros o que viram e ouviram. Portanto proclamam a mensagem que receberam. Atraem seguidores que acreditam nas suas palavras e começam a viver segundo os seus ensinamentos. A eles atribuímos o nome de profetas ou sábios. E é através deles que novas religiões nascem.

Depois acontece uma outra coisa. A história que contam é memorizada pelos seus seguidores. A princípio, é espalhada por passa-palavra. Mas, com o tempo, é transcrita. Depois torna-se aquilo que designamos por Sagrada Escritura ou escritos sagrados. A Bíblia! O Livro! E transforma-se no mais poderoso símbolo da religião. É um livro físico, obviamente. Foi escrito por homens. Podemos traçar-lhe a história. Mas através das suas palavras uma mensagem do além-mundo é trazida para o mundo terreno. Estabelece uma ligação entre o humano e o divino. Por isso é olhado com respeitoso temor e estudado a fundo. E também por isso os crentes abominam o seu escarnecimento ou destruição.

A história da religião é a história destes profetas e sábios e dos movimentos que iniciaram e dos escritos sagrados acerca deles. Trata-se, no entanto, de um assunto fortemente marcado por controvérsias e desacordos. Os céticos questionam se alguns destes profetas chegaram sequer a existir. E duvidam das afirmações feitas nas suas visões e vozes. Uma posição seguramente justa, mas que desvia o foco da questão central: o irrefutável facto de que eles existem nas *histórias* contadas a seu respeito, histórias que ainda hoje têm um significado relevante para milhares de milhões de pessoas.

Neste livro leremos as histórias que as religiões nos contam sobre si mesmas sem questionarmos a todo o instante se os acontecimentos narrados corresponderão a uma descrição exata dos factos. Todavia, considerando que seria um erro ignorar por completo essa questão, dedicaremos o próximo capítulo à reflexão sobre o que estava a acontecer quando esses profetas e sábios tiveram visões e ouviram vozes. Um desses profetas chamava-se Moisés.